

**A
CIDADE
MURADA**

**RYAN
GRAUDIN**

Tradução

GUILHERME MIRANDA

SÉQUENTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2014 by Ryan Graudin

Edição publicada mediante acordo com Little, Brown and Company, Nova York, Nova York, EUA.
Todos os direitos reservados.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The Walled City

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

ILUSTRAÇÃO DE CAPA © by Hitomi Terasawa/ Reproduzida com permissão do artista

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Julia Barreto e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Graudin, Ryan

A cidade murada / Ryan Graudin ; tradução Guilherme
Miranda. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2015.

Título original: The Walled City.
ISBN 978-85-65765-63-3

1. Ficção — Literatura juvenil I. Título.

15-01525

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

18 DIAS

JIN LING

EXISTEM TRÊS REGRAS PARA SOBREVIVER NA CIDADE MURADA. Corra muito. Não confie em ninguém. Ande sempre com uma faca.

Agora, minha vida depende da primeira.

Corra, corra, corra.

Meus pulmões queimam, buscando ar. Meus olhos ardem com as lágrimas. Papéis amassados, bitucas de cigarro. Um animal morto, tão decomposto que mal dá para saber o que era antes. Tapetes de vidro, garrafas estilhaçadas por bêbados. Tudo isso passa voando em fragmentos.

As ruas formam um labirinto. Vão se desdobrando — estreitas, cheias de anúncios reluzentes e muros pichados. Homens observam com malícia dos batentes; seus cigarros brilham como os olhos de monstros na escuridão.

Kuen e seus seguidores me perseguem: febris, rápidos, unidos. Caso se separassem e tentassem me cercar, talvez tivessem uma chance. Mas sou mais rápida do que todos eles porque sou menor. Consigo passar por buracos que nem chegam a ver. Isso porque sou menina. Mas eles não sabem disso. Ninguém aqui sabe. Ser menina nesta cidade, sem teto e sem família, é uma maldição. Garante ingresso automático em um dos muitos bordéis da cidade.

Os meninos atrás de mim não gritam. Todos sabem que é melhor ficar quieto. Gritar chama a atenção. Atenção chama a Irman-

dade. Os únicos sons da perseguição são os passos duros e as respirações ofegantes.

Conheço todas as esquinas que atravesso em alta velocidade. Este é meu território, a área oeste da Cidade Murada. Sei exatamente em que beco posso desaparecer. Está perto, falta só mais um pouco. Passo correndo pelo restaurante da sra. Pak, com o cheiro caseiro e aconchegante de frango, alho e macarrão. Depois tem a cadeira do sr. Wong, onde as pessoas sentam para arrancar os dentes. Em seguida fica a loja de segunda mão do sr. Lam, cuja entrada é protegida por barras grossas de metal. O próprio sr. Lam está agachado nos degraus, com os pés firmes no chão. Ele solta um barulho gutural quando passo correndo. Dá mais uma cuspada na sua coleção de latinhas.

Um menino de olhos astutos senta no banco do outro lado, beliscando macarrão com frutos do mar num pote de isopor. Meu estômago ronca e penso em como seria fácil roubar a refeição dele. Continuo correndo.

Não posso parar. Nem mesmo por comida.

Estou tão distraída por causa do macarrão que quase perco o beco. A curva é muito acentuada e, por pouco, não torço o tornozelo. Mas continuo correndo, entrando de lado na fenda estreita entre os dois prédios monstruosos. Paredes de blocos de concreto encostam no meu peito e raspam minhas costas. Se eu respirar rápido demais, não vou conseguir passar.

Vou adentrando ainda mais, ignorando como a parede áspera e úmida rasga a pele dos meus cotovelos. Baratas e ratos se movem nos espaços que meu corpo deixa, sem nenhum medo de serem esmagados pelos meus pés. Passos duros e sinistros ecoam pelas paredes, palpitam nos meus ouvidos. Kuen e seu bando passaram reto. Desta vez.

Olho para o par de botas na minha mão. Couro robusto, solas

resistentes. Um bom achado. Valeram os minutos de pânico que acabei de passar. Nem mesmo o sr. Chow, o sapateiro da ponta oeste da cidade, sempre debruçado na bancada de pregos e couro, faz calçados tão resistentes. Queria saber como Kuen arranhou essas botas. Devem ser da Cidade de Fora. A maioria das coisas boas é de lá.

Gritos de fúria chegam ao meu esconderijo, somados a uma série de xingamentos. Eu me encolho e o lixo aos meus pés estremece. Talvez os moleques de Kuen tenham me achado.

Uma menina tropeça e cai dentro da travessa onde estou. Ela respira com dificuldade. Sangue corre dos seus braços e pernas por causa do vidro na pele. As costelas estão à mostra sob o vestido de seda lisa. É azul, cintilante e fino. Não é o tipo de coisa que se usa nesta cidade.

Perco o ar.

Será que é ela?

A menina ergue os olhos, e vejo um rosto coberto por maquiagem. Só seus olhos são verdadeiros. Parecem impetuosos, como se ela estivesse pronta para lutar.

Quem quer que seja essa menina, não é Mei Yee. Não é a irmã que tenho procurado todo esse tempo.

Encolho-me na escuridão. Mas é tarde demais. A menina embonecada me vê. Abre os lábios, como se quisesse falar. Ou morder. Não sei dizer.

Nem vou saber.

Os homens partem para cima dela. Atiram-se feito abutres, agarrando seu vestido e tentando puxá-la. As chamadas nos olhos da menina ficam desvairadas. Ela se vira, com os dedos prontos para arranhar a cara do agressor mais próximo.

O homem recua. Quatro riscas brilhantes se abrem no seu rosto. Ele berra coisas indizíveis. Puxa algumas mechas do longo cabelo dela.

A menina não grita. Seu corpo continua girando, debatendo-se, surrando em movimentos desesperados. São quatro homens com as mãos em cima dela, mas não é uma briga fácil. Eles estão tão ocupados tentando segurá-la que não me veem assistindo a tudo nas profundezas escuras do beco.

Cada um deles segura um dos membros dela com força. A menina resiste, arqueando as costas e cuspidando na cara deles. Um dos homens a acerta na cabeça e ela cai num silêncio sinistro e perturbador.

Agora que não se move, consigo ver seus captores. A marca da Irmandade está em todos os quatro. Camisas negras. Armas. Joias em forma de dragão e tatuagens. Um deles tem até o demônio vermelho tatuado no rosto. Desce até o queixo e a linha do cabelo.

— Puta idiota! — o homem com os arranhões resmungava para o corpo espancado e inconsciente.

— Vamos levar esta menina de volta — diz aquele com a tatuagem no rosto. — Longwai está esperando.

Só depois que a levam, o cabelo preto varrendo o chão sob o corpo inerte, percebo que eu estava prendendo a respiração. Minhas mãos tremem, ainda segurando as botas.

Aquela menina. Seus olhos impetuosos. Poderia ser eu. Minha irmã. Qualquer uma de nós.

DAI

NÃO SOU UMA BOA PESSOA.

Se precisarem de provas, mostro minha cicatriz, digo minha contagem de corpos.

Mesmo quando era só um moleque, atraía encrenca feito um ímã. Vivia perigosamente, deixando um rastro de coisas destruídas: vasos, narizes, carros, corações, células cerebrais. Efeitos colaterais de uma vida irresponsável.

Minha mãe sempre tentava me transformar numa boa pessoa. Suas frases favoritas eram “Ah, Dai Shing, por que você não é mais parecido com seu irmão?” e “Você nunca vai conseguir uma boa esposa se continuar desse jeito!”. Ela dizia essas coisas sem parar, tentando não ficar com o rosto vermelho, enquanto meu irmão ficava parado atrás dela, com uma linguagem corporal que era a exata definição de “eu te avisei”: braços cruzados, nariz empinado, as grossas sobrancelhas franzidas e unidas. Eu sempre dizia que a cara dele ficaria daquele jeito para sempre se continuasse me deduzindo: uma vida adulta condenada por uma monocelha. Mas isso nunca o impediu.

A tática preferida do meu pai era o medo. Ele colocava a pasta na mesa, abria um pouco a gravata e me falava desse lugar, a Cidade Murada de Hak Nam. Uma mistura dos ingredientes mais sombrios da humanidade — ladrões, prostitutas, assassinos, viciados —

em dois hectares e meio. O inferno na terra, ele dizia. Um lugar tão implacável que nem mesmo a luz do sol tinha coragem de entrar. Se eu continuasse fazendo besteira, ele mesmo me levaria para lá. Ia me largar no covil de traficantes e ladrões para eu aprender uma lição.

Meu pai se esforçou muito para me assustar, mas nem todas as histórias conseguiram me tornar bonzinho. Acabei na Cidade Murada de qualquer jeito. A ironia me faria rir. Mas não rio mais. O riso ficou nos arranha-céus reluzentes, shoppings e engarrafamentos de táxis de Seng Ngoi.

Setecentos e trinta. Faz setecentos e trinta dias que estou preso neste esgoto da humanidade.

Dezoito. Tenho dezoito dias para encontrar uma saída.

Tenho um plano, um plano muito elaborado e arriscado, mas, para ele funcionar, preciso de um corredor. Um corredor rápido.

Não cheguei à metade da minha tigela de *wonton mein* quando o menino passa em disparada pelo banquinho. Com a mesma rapidez que surge, ele desaparece, correndo mais rápido do que os atletas da minha antiga escola.

— O menino está aprontando de novo. — O sr. Lam põe para fora o muco da garganta. Seu olhar de tartaruga se volta para o outro lado da rua. — Queria saber quem ele roubou desta vez. Metade das lojas por aqui já foi vítima dele. Mas nunca tentou nada com essas grades. Aqui ele só compra.

Acabo de apoiar os palitinhos na tigela quando os outros chegam correndo. Kuen está à frente do bando, com os olhos vessos de raiva e concentração. Faz um tempo que o risquei da lista de possíveis corredores. Ele é cruel, implacável e meio burro. Não preciso de uma pessoa assim.

Mas aquele outro moleque se encaixa direitinho no perfil. Se eu conseguir alcançá-lo.

Deixo o resto do macarrão, ergo o capuz do moletom e vou atrás deles.

Os meninos de Kuen correm por mais alguns minutos antes de parar. Viram a cabeça de um lado para o outro, com os olhos arregalados, ofegantes. Está claro que perderam quem estão procurando, seja lá quem for.

Devagar, viro para a calçada. Nenhum deles me vê. Estão muito ocupados com Kuen, que está putado da vida.

— Para onde ele foi? Para onde? — o marginal grita e chuta uma lata de cerveja vazia. Ela acerta um muro com um estalo metálico; uma família de baratas sai do bloco de concreto. Sinto um arrepio ao ver isso. Engraçado. Depois de tudo o que passei, tudo o que vi, insetos ainda me dão calafrios.

Kuen não nota as baratas. Ele está furioso, descontando no lixo, no muro e nos pivetes. Eles se esquivam, não querem ser o inevitável bode expiatório.

Kuen se volta para eles.

— Quem estava de vigia?

Ninguém responde. Claro. O punho do marginal está cerrado e seus braços tremem.

— Quem estava de vigia?

— Lee — responde o menino mais perto dos punhos de Kuen. — Lee estava.

O menino em questão ergue as mãos, rendendo-se imediatamente.

— Desculpa, chefe! Não vai acontecer de novo, juro.

Kuen dá um passo à frente, encurralando Lee, que treme sem parar. Os punhos do marginal estão cerrados, sedentos por uma briga.

Enfio as mãos nos bolsos do moletom. Sinto um pouco de pena de Lee, mas não o suficiente para fazer alguma coisa. Não posso me

dar ao luxo de me envolver nos problemas dos outros. Não agora que o tempo para resolver meus próprios problemas está chegando ao fim.

Kuen parece prestes a socar o rosto do menino. Nenhum dos outros tenta impedir. Eles se encolhem, ficam olhando e esperam enquanto o punho se ergue na altura do nariz de Lee. Fica parado no ar.

— Quem foi? Hein? — pergunta Kuen. — Imagino que você conseguiu dar uma boa olhada nele.

— Sim, sim, sim. — Lee balança a cabeça violentamente. A sofreguidão dele dá pena, a maneira como Kuen intimidou todos esses meninos. Se morassem num mundo civilizado, jogando futebol, cantando no karaokê com os amigos, é provável que tivessem outro líder. Um com mais cérebro do que músculos.

Mas esta é a Cidade Murada de Hak Nam, e quem manda aqui é o medo. É a lei do mais forte.

— Foi Jin. Ele já roubou um monte de coisas da gente. Uma lona. Uma camisa — continua Lee. — Você sabe. Aquele que veio de Fora alguns anos atrás. Aquele com o gato...

Kuen rosna.

— Estou pouco me lixando para a droga do gato. Quero minhas botas!

Botas? Olho para baixo e vejo que o brutamontes está descalço. Tem sangue nos pés por causa da corrida pelas ruas sujas. Cortes de vidro. Talvez até restos de macarrão.

É por isso que está tão nervoso.

Lee está encostado na parede. Seu rosto está todo enrugado, como se estivesse prestes a chorar.

— Vou conseguir as botas de volta. Prometo!

— Eu mesmo vou cuidar disso.

Kuen desce o punho. O som dos dedos no queixo do outro é

alto e terrível. Ele continua socando, sem parar, até o rosto de Lee ficar tão escuro quanto seu cabelo oleoso. É difícil olhar. Muito mais perturbador do que meia dúzia de insetos.

Eu podia impedir. Podia pegar minha arma e dispersar a gangue de Kuen como baratas. Meus dedos se retorcem e queimam a cada soco, mas os mantenho enfiados nos bolsos.

Crianças morrem todos os dias nestas ruas — vidas roubadas por fome, doenças ou facas. Não posso salvar todas. E, se não mantiver a cabeça baixa e fizer o que precisa ser feito em dezoito dias, não vou conseguir salvar nem minha própria pele.

É isso que repito para mim mesmo, várias vezes, enquanto vejo o rosto do menino ser destruído, cheio de sangue e hematomas.

Não sou uma boa pessoa.

— Tira a bota — Kuen grita quando seus punhos finalmente param.

Lee está no chão agora, choramingando.

— Por favor...

— Tira a bota antes que eu encha você de porrada de novo!

Os dedos de Lee tremem enquanto desamarra os cadarços, mas ele consegue tirar as botas mesmo assim. Kuen pega o par e coloca nos pés ensanguentados. Começa a falar com o resto dos meninos enquanto amarra os cadarços:

— Algum de vocês sabe onde esse tal de Jin se esconde?

As únicas respostas são acenos negativo de cabeça e olhares vazios.

— Ka Ming, Ho Wai, quero que vocês dois descubram onde ele dorme. Vou pegar minhas botas de volta. — A última frase de Kuen pareceu mais um rosnado.

A rua ganha vida com berros. No começo, penso que é Lee, mas o moleque descalço e espancado está tão surpreso quanto os outros. Eles olham para a rua lá embaixo, esticando o pescoço como

aqueles suricatos que apareciam no documentário sobre a vida selvagem, o favorito do meu irmão.

Os berros vêm de outro lugar, lá de trás, onde meu macarrão está ficando frio. Tantos homens adultos gritando juntos só podem ser da Irmandade.

Hora de dar o fora.

O bando de Kuen deve estar pensando o mesmo, porque começa uma retirada imediata e atrapalhada. Para longe dos berros. Para longe de Lee. Para longe de mim.

— Por favor! Não me deixa! — Lee estende o braço, com um choramingo mais do que patético.

— Nem pense em voltar para o acampamento. — Kuen cospe no menino, agora banido, antes de sumir de vez. Não consigo deixar de pensar no que vai acontecer com o moleque espancado. Se ele for como os outros pivetes de Kuen, sua situação familiar deve ser *órfão*, ou então *pais pobres demais para alimentá-lo*. Crianças com teto e comida quente têm coisa melhor para fazer do que brincar de lei do mais forte. Sem pais, descalço, com o rosto destruído, o inverno no auge... Claro, é um inverno leve (sempre é), mas o ar frio atinge mais quem não tem sapatos.

As chances de Lee não parecem muito boas.

Começo a andar com o capuz levantado e as mãos nos bolsos, tentando parecer o mais invisível possível. Escondo-me na escuridão de uma travessa bem na hora em que os homens da Irmandade passam. A menina que estão arrastando é mais sangue do que pele. Seu cabelo está solto, arrastando no chão. Seu vestido é de seda brilhante: uma das meninas de bordel. Devia estar tentando fugir. O que vejo é uma fuga que deu errado.

O *wonton mein* desce queimando pela garganta. Vou para o outro lado, para as entranhas profundas e sombrias da cidade, deixando a menina enfrentar seu destino.

Não posso salvar todos.

Jin. Aquele com o gato. Não é muito para começar a procurar numa multidão de trinta e três mil pessoas, mas o sr. Lam pareceu reconhecer o menino. Minha primeira pista. Vou precisar agir rápido, encontrar o moleque antes que Kuen descubra onde monta sua tenda. Ele deve viver sozinho, o que, considerando o que acabou de acontecer com Lee, significa que é esperto. Esperto e rápido. Além disso, durou alguns anos nas ruas, o que já seria difícil em Seng Ngoi, que dirá neste buraco dos infernos.

Exatamente o tipo de menino que estou procurando. Mais um passo para dar o fora deste lugar.

Tomara que ele aceite.